

OFIOLATRIA

Por

A. AUGUSTO TAVARES

Representações serpentiformes, porquê?

É um facto constatado que se encontram figuras serpentiformes em citânias e castros ou em anónimas penedias do ocidente peninsular. Podem ver-se não apenas em gravuras sobre pedras e decorações de cerâmicas (1), mas também encontramos uma curiosa escultura de cabeça de ofídio em Sanfins (2). Costumam interpretar-se tais figuras como sendo manifestações do culto da serpente. Em abono da ofiolatria nos castros, vem a informação de Avieno, o poeta geógrafo, que nos legou o poema «Ora Maritima» baseado num antigo roteiro do litoral mediterrâneo e da Península Ibérica. Aí fala duma «invasão de serpentes que expulsaram do seu território os Oestremínios» (3). Parece dever entender-se que ele se refere à chegada à Península duma tribo celta que prestava culto à serpente. (4)

Nos períodos que se seguem, encontram-se também essas figurações ou elementos serpentiformes em cerâmicas ibéricas e até em cerâmicas romanas. A título de exemplo, refiro cerâmicas do castro de Guiões (5) e uma lucerna, no Museu Monográfico de Conímbriga, marcada na montra com o n.º 10, a qual tem representado um altar doméstico ladeado por duas serpentes.

Se recuarmos para períodos mais antigos, bem anteriores ao ferro, encontramos também muito provávelmente representações idênticas ou semelhantes, o que leva a afirmar que as manifestações ofiolátricas, no Ocidente Peninsular, são anteriores aos Celtas. No referido artigo de

Afonso do Paço, aduzem-se algumas provas para tal afirmação. De facto certas decorações nos dólmenes, figuras onduladas de gravuras ou pinturas parecem sugerir tal interpretação. Talvez se possam entender do mesmo modo certas gravuras de pedra de cabeceira do dólmen de «Carapito I», escavado no Verão de 1966 por V. Leisner e L. Ribeiro, cuja publicação se espera (6). A. do Paço sugere idêntica interpretação para os quatro anéis de ouro em forma de espiral das Grutas de S. Pedro do Estoril (7), embora haja quem tenha modo diferente de ver as coisas.

Não pretendemos por agora fazer conjecturas sobre o significado religioso, mágico ou meramente decorativo das representações serpentiniformes. Constatamos a sua existência nestas regiões e somos levados a comparar com algo de semelhante que se verifica em povos da antiguidade, dos quais temos particulares informações (8).

No EGIPTO, aparece a serpente como animal sagrado, divindade masculina, mormente em Heliópolis, cidade do Baixo Egipto, não longe do Cairo. Aparece também a serpente como representação iconográfica da deusa Uto, divindade feminina, nas primeiras dinastias, no Baixo Egipto. Nem admira que se encontre a partir dos fins da 18.^a dinastia, a representação duma serpente sobre o caule ou haste do lotus, como símbolo da realeza do norte e sul do Egipto, símbolo que tem atrás de si uma ideia mágica ou mesmo religiosa (9).

Entre os HITITAS, na Ásia Menor, encontramos uma série de baixos relevos, da segunda metade do séc. XVIII a. C., que representam o rei ou a rainha derramando uma libação diante dos diferentes deuses. Uma das esculturas da mesma procedência reproduz uma cena de luta entre o deus e a serpente, serpente que o deus fere com a lança (10).

Na MESOPOTÂMIA, há uma certa multiplicidade dos nomes divinos, embora se trate de aspectos diversos do grande princípio da fertilidade e fecundidade. Os seus emblemas frequentes são a espiga, o vaso das águas que jorram e a águia leontocéfala. E a glíptica dos cilindros-selos, ao representar as divindades da fertilidade, mostra corpos humanos donde nascem ramos e algumas vezes lá aparece a serpente.

Da terceira dinastia de Ur, vem-nos o cilindro-selo de Gudea. Mostra-nos esse príncipe a ser apresentado pelo seu deus protector, que era Ningizzida, «o senhor da árvore da vida», ao deus Ningirsu que era deus principal da sua cidade. O emblema deste deus é o das águas que jorram, várias vezes reptido, enquanto dos ombros de Ningizzida, ou seja «o senhor da árvore da vida» e protector do príncipe, saiem várias cabeças de serpente.

Em Jarmo, cidade mais antiga da Mesopotâmia, e que A. Parrot supõe ser a mais antiga do mundo, descobriram-se estatuetas da «deusa mãe», semelhantes a outras encontradas em Ur, estatuetas de deusas com cabeças de serpente, trazendo às vezes uma criança nos braços (11).

Entre os ASSÍRIOS, povo particularmente bem organizado no séc. VIII a. C., encontra-se o deus Nergal, designado pelo nome de «Sarafu» ou seja o mesmo que «Saraf», que quer dizer serpente venenosa, em Hebraico. Pode ver-se esse deus em duas representações geminadas, figurado por duas serpentes enroladas em volta de uma vara apoiada sobre uma esfera, estando pendente de cada lado uma cabeça (12).

Também na RELIGIÃO IRANIANA encontramos a representação da serpente. Tal religião é dominada pela ideia de dois princípios em conflito permanente na criação e história da humanidade, o espírito benéfico, Espanta Mainiu e o espírito destruidor que é Arimã. Ora este deus destruidor é representado sob os traços de um homem com cabeça de leão, tendo dois pares de asas e o corpo envolvido por uma serpente (13).

Não há dúvida de que todo o Médio Oriente está habituado a representações de serpentes, mas por agora interessa-nos mais fixar a nossa atenção nas regiões da Palestina, terras bíblicas por excelência. Escolhemos, para isso, apenas alguns exemplos:

TELEILAT-HASSUL é famosa estação arqueológica do Calcolítico palestinese (cerca de 4000 a. C.). É sítio curioso, situado no vale do Jordão a poucos quilómetros a noroeste do Mar Morto. Aí foram levadas a efeito escavações por A. Mallon de 1929 a 1934 e retomadas recentemente pelo Instituto Bíblico de Jerusalém, sob orientação de R. North. A oitava campanha é de 1960.

Lá foram encontrados fragmentos de cerâmica ornamentada com serpentes em relevo. Num dos casos, até acontece que a cabeça de uma ultrapassa nitidamente o bordo do vaso. Notam-se perfeitamente umas pequenas cavidades que pontuam os corpos das ditas serpentes, a imitarem os sinais da pele dos répteis (14).

Em Tel Aviv, J. Kaplan encontrou igualmente um fragmento de ossuário ornamentado com serpentes (15) e, mais recentemente ainda, J. Perrot encontrou, na necrópole calcólica de Ben Shemen, a 4 km a Leste de Lod, com data provável de 3200 a 3100 a. C., um vaso de cerâmica que servira de ossuário. Está decorado no bojo com uma corda marcada por incisões de que diz o distinto arqueólogo: «On pourrait y voir un serpent et faire un rapprochement avec les représentations bien connues de T. Hassul» (16).

Em Gezer, cerca de 25 km a sudeste da actual cidade de Tel Aviv, sítio notável do calcólico (assim preferem chamar, na Palestina, em vez de Eneolítico) e princípio do Bronze foi encontrado um belo exemplar em bronze. Em Bet-Shan foram encontrados vários exemplares numa espécie de terra-cota (17) e o mesmo se pode dizer de Taanak (18). Uma estela de Tel Beit Mirsim representa uma serpente enroscada a uma estátua provavelmente feminina, conhecida por deusa serpente. É já do Bronze com certeza e, como nos informa Albright, são do último Bronze placas de cerâmica onde estão impressas com molde de cerâmica ou de metal as figuras da deusa Astarte, em que se realçam as partes genitais, com verdadeira alusão à maternidade, tendo os braços levantados segurando hastes de açucena ou serpentes (19).

Em Hatzor, no norte da Galileia, o Prof. Ygaël Yadin encontrou, na campanha de escavações de 1956, junto dum santuário cananeu, um curioso estandarte cultural, da mesma época do Bronze. É uma placa de bronze com 15 centímetros de altura, com uma ponta para se fixar numa haste. A face tem a imagem da deusa serpente, a sustentar uma serpente em cada mão. Por cima da deusa, vê-se o seu emblema: um crescente e uma serpente estilizada. Junto desse santuário, estava um conjunto ritual, verdadeiramente considerável, com estelas, jarras, etc.

e esse estandarte que, de certo, era para ser levado em procissões, como supõe Yadin (20).

Mais recentemente ainda, fizeram-se escavações no lugar da piscina probática, em Jerusalém. O sítio escavado tem espólio do período helenista e do período romano. Estamos pois em épocas bem mais recentes. Também aí nos aparece uma estela dividida em duas partes, representando-se, numa, duas espigas de trigo e na outra, uma serpente que se enrola em seus anéis, junto de duas colunas caneladas (21).

Como vemos, as terras da Palestina estão muito habituadas às representações de serpentes. Antes mesmo de lá chegarem os Israelitas, que lá se fixaram por 1200 a. C., já os Cananeus gostavam de as representar. Há até boas razões para pensar que os Hebreus tenham querido imitá-los quando ofereceram actos de culto à serpente de bronze, que fora feita no tempo de Moisés, durante a caminhada do Êxodo para a Terra Prometida (séc. XIII a. C.) (22). Conservada no templo essa imagem da serpente, teve de ser destruída mais tarde pelo rei Ezequias, porque os Hebreus caíam na tentação de lhe oferecerem incenso (2 Re. 18, 4).

A mesma atitude da Bíblia, a condenar a serpente, mostra uma certa intenção de fustigar esse culto que permanecia constantemente entre os Cananeus e influenciava os filhos de Israel, habitantes dessas regiões.

SERPENTES, PORQUÊ?

Pela documentação que nos chega, de escritos ou representações, do Egípto, Mesopotâmia e Siro-Palestina, vemos, que a serpente era símbolo de divindade ou de fertilidade ou de fecundidade. É caso para perguntarmos porquê? Quando encontramos figuras de homens, mulheres ou mesmo de irracionais em que se nota a preocupação de representações genitais, somos levados a ver nisso indícios mais ou menos claros de culto de fertilidade, mas, no caso da serpente, que ligação haverá com a vida ou com a fecundidade na transmissão da mesma vida?

Façamos prèviamente uma ligeira consideração. A magia que levou

certos primitivos a figurarem seres masculinos e femininos em representações genitais, deveria destinar-se a assegurar a protecção ou o controle de forças misteriosas que influíam na transmissão da vida. Mas a própria magia não pode admitir-se sem estar fundada numa ideia dum mundo que nos ultrapassa. Não se entende a magia sem uma metafísica. É este um pensamento dominante num recente livro do Prof. A. Leroi-Gourhan (23). Ora no caso das representações serpentiformes, bem poderemos ter, habitualmente, mais do que a representação mágica, um símbolo de uma ideia religiosa generalizada na antiguidade. Mais do que a representação iconográfica, quer dizer directa da deusa serpente, um símbolo duma poderosa e misteriosa força que suponho maléfica.

Embora no Egipto, ao que parece, se tenha adorado a próprio animal vivo, como encarnação de divindade ou se tenha figurado a serpente como representação iconográfica da divindade feminina Uto, embora na Assíria o deus Nergal fosse chamado «Sarrafu», «Serpente» ... isso não obsta a que vejamos a ideia, o conceito, que estará na génese de tais factos.

No antiquíssimo poema da Mesopotâmia, o Guilgamesh, fazem-se referências a mitos famosos. Eis um deles: relatam-se os grandes feitos de um antigo rei de Uruk, rei divinizado, que empreende uma longa viagem para encontrar um casal imortal, que escapou ao dilúvio, para lhe pedir o seu segredo, pois os deuses tinham concedido a esse casal a imortalidade. O casal revela a Guilgamesh a existência de uma planta que cresce no fundo das águas e dá a eterna juventude. Guilgamesh consegue apoderar-se dessa planta e trá-la alegremente para a sua cidade, mas enquanto voltava, eis que uma serpente lhe rouba o precioso tesouro que ele não vigiou bastante. Um fracasso de que o homem é o responsável. A humanidade continuaria portanto a morrer, porque a serpente má lhe roubou o segredo da imortalidade. A serpente a roubar a vida !...

Este poema famoso, sem ter semelhanças literárias que obriguem a ver na Bíblia uma dependência directa em relação a ele, supõe entretanto um fundo comum, um centro idêntico da mesma tradição, a per-

der-se na noite dos princípios da humanidade, a serpente símbolo do princípio do mal.

Vejamos a Bíblia, Gen. 3, Iss. O autor, em linguagem popular que reflecte a mentalidade da sua época, propõe-se uma tese religiosa mono-teísta. Ao falar da queda de Adão e Eva, diz que a serpente era o mais «astuto» de todos os animais. A palavra «arum» significa mais «sábio», num sentido favorável ou mais «astuto» num sentido desfavorável. Depende do contexto. De facto a sabedoria da serpente ou sob outro aspecto a prudência era famosa na antiguidade. No evangelho de S. Mateus, cap. 10, vers. 16, aparece o provérbio «prudentes como as serpentes». Era uma crença que provinha não tanto da observação das qualidades da serpente como da ideia geralmente aceite da sua natureza divina ou demoníaca, no dizer de A. Clamer (24).

No texto do Génesis, está o autor a afirmar que sob as aparências da serpente (se era real ou aparente não é claro no texto nem aqui interessa) estava o demónio, o poder do mal. As palavras da punição aí enunciada, chamando-lhe «maldita», «rastejarás e comerás a terra» não visam, como se vê pelo próprio texto e contexto, propriamente o ofídeo, mas sim o misterioso tentador que se dissimulava sob essa aparência. As expressões «caminhar sobre o ventre», «comer o pó», empregadas outras vezes na Bíblia, não referidas à serpente, designam uma profunda humilhação e um desprezo total. Aqui significam pois o desprezo e o ódio a esse poder do mal de que era símbolo a serpente que roubou a vida.

A remotíssima linguagem escrita que até nós chegou diz-nos isto. Não nos ajudará a entender os testemunhos não verbais das representações serpentiformes?...

Como vemos são frequentes as figuras de ofídeos não só nas nossas regiões como nestas do Médio Oriente, desde remotíssimas épocas. Encontramo-las pelo menos desde o calcólítico palestinense (4000 a. C.) e entre nós, provavelmente, desde o eneolítico. Aparecem também noutras partes do mundo, por ex. na região do Amazonas. Marcel F. Homet, no livro que intitulou «Os filhos do sol», referindo-se a descobertas arqueológicas no Amazonas, descreve pormenorizadamente a

chamada «Pedra Pintada», que mede 100 m por 30 m e tem de altura cerca de 30 m, com forma de elipsóide colossal, tendo entre os diversos símbolos aí representados, as serpentes.

Não sei se todas estas manifestações não se irão enraizar numa fonte de tradição comum, embora tratada diferentemente conforme os lugares.

Nessa hipótese, qual seria o sentido da ofiolatria? A serpente, símbolo dum princípio do mal, que roubou a vida, detentora da vida, poderia ter sido representada por temor, para afastar a sua má influência. Não vemos nós essa mesma ideia na religião iraniana — os dois princípios em permanente conflito e o princípio do mal, Arimã, a ser representado com a serpente? De alguma maneira, continuar-se-ia no maniqueísmo, na luta dos dois princípios, o do bem e o do mal.

Nos nossos dias, verifica-se coisa semelhante entre os Kurdos, tribo conflituosa do norte do Iraque. Quem escreve estas linhas foi testemunha ocular desse culto, ao ter a oportunidade, raríssima para os de fora da tribo, de entrar num templo dos adoradores do diabo, próximo das nascentes do rio Zab, não distante da fronteira Iraque-Irão. O temor leva-os a prestar culto ao diabo das maneiras mais estranhas, por exemplo, nem sequer ousando pronunciar-lhe o nome, para evitarem a sua má influência. Não teria sido ideia semelhante a que levou os primitivos a representarem a serpente? Era esse poderoso princípio do mal que se representava ameaçador sobre um sepulcro, como a dizer: «Perigo! Não tocar!», como sugere Perrot, a propósito dos osuários de Ben Shemen (25).

Suponho entretanto possível passar daí, desse aspecto do medo para o outro: a serpente, detentora da vida, porque a roubou, podia controlar e proteger a vida, dando uma certa imortalidade, pela procriação, pela fecundidade. Progredindo tal ideologia, nem admira que lhe tenham prestado culto, invocando o seu auxílio na cura de enfermidades, ideia que tomou corpo no culto do deus Esculápio dos Gregos, que tinha como distintivo a serpente. Seria depois introduzido entre os Romanos pelo ano 290 a. C., a seguir a uma peste, ficando a serpente associada ao deus da medicina.

Conclusão:

O assunto tratado com algum cuidado, mas resumidamente, merece ser continuado, considerando não apenas a Arqueologia mas também a Etnografia. Permitirá com certeza mais claras elucidacões. Aqui pretendeu-se apresentar o seguinte:

1.º — Uma resenha não completa, mas elucidativa das representacões serpentiformes em diversas terras e povos da antiguidade, vendo-se que foi coisa generalizada.

2.º — Procurou ver-se a possível origem de tais representacões, à luz de textos de literaturas antiquíssimas, mormente babilónicas e bíblica, parecendo daí insinuar-se que o culto prestado à serpente seria por temor.

3.º — Admitiu-se a hipótese de, com o andar dos tempos, se começar a invocar a serpente, detentora da vida, pedindo protecção na transmissão da vida: procriação, fecundidade, saúde ...

4.º — Se em épocas recentes, as representacões serpentiformes poderão ser meramente decorativas, não foi assim em épocas remotas. Inicialmente tinham um verdadeiro sentido ofiolátrico.

RÉSUMÉ

L'auteur fait un résumé historique sur les représentations serpentiformes. Il est d'opinion que non seulement l'Archéologie mais aussi l'Ethnographie pourront donner des éclaircissements sur ce thème. D'après lui de telles représentations auraient été exécutées, initialement, uniquement par crainte et c'est seulement plus tard, lorsque le serpent fut considéré comme détenteur de la vie et protecteur de sa transmission, qu'elles auraient assumé une signification que l'on peut qualifier de ophiolatrique. (F. A.)

BIBLIOGRAFIA

- 1 — J. Neves dos Santos, Serpentes Geminadas em Suástica e figurações serpentiformes do Castro de Guifões, *Lucerna*, vol. II, 1963.
- 2 — A. do Paço, Citânia de Sanfins — Escultura de Ofídeo, *Lucerna*, vol. IV, Porto, 1964, 167-171. N. B. Este artigo aqui citado contém referências bibliográficas de interesse para o nosso estudo.

- 3 — A. Schulten Y. P. Bosch-Gimpera, *Fontes Hispaniae Antiquae*, I, Barcelona, 154-157.
- 4 — A. A. Mendes Correia, *Le Serpent, totem dans la Lusitanie Proto-historique*, *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, XV, 1928.
- 4a — Firmin Bouza-Brey y Trillo, *Grabados rupestres serpentiformes de Lugo y la ofiolatria en la Galicia y norte de Portugal*, *Congresso do Mundo Português*, I, Lisboa, 1940.
- 5 — J. Neves dos Santos, *Art. cit.*
- 6 — Só por ter tomado parte activa nesse trabalho de escavação é que me permito uma referência a tal dólmen, antes da publicação do seu estudo.
- 7 — V. Leisner, A. do Paço, L. Ribeiro, *Grutas artificiais de São Pedro do Estoril*, Lisboa, 1964.
- 8 — Citamos com frequência o livro « *Les Religions de L'Orient Ancien* » em tradução portuguesa: « *As Religiões do Antigo Oriente* », Ed. Flamboyant, S. Paulo, 1958. É obra dividida em três partes: Étienne Drioton, *A Religião Egípcia*; Georges Contenau, *As Religiões da Ásia Ocidental Antiga*; J. Duchesne-Guillemin, *A Religião Iraniana*. É citada aqui a tradução portuguesa, para maior facilidade de consulta, sendo designada pelas iniciais R. A. O. Para estudo mais completo das religiões do Antigo Oriente, é indicada nesse livro, mais abundante bibliografia.
- 9 — R. A. O., 19 e 22; H. Lesêtre, *Serpent d'Airain*, *Dict. de la Bible*, Paris, 1922.
- 10 — R. A. O., 70.
- 11 — R. A. O., 79-83.
- 12 — H. Lesêtre, *Art. cit.*
- 13 — R. A. O., 131.
- 14 — A. Mallon, *Teleilat Ghassoul I*, Roma, 1934; Étienne Six, *L'itinéraire de l'Exode*, *Bible et Terre Sainte*, XII, 1958, p. 11 e 12; R. North, *Ghassoul*, *Bible et Terre Sainte*, n.º 52, 1963.
- 15 — J. Kaplan, *The Archeology and History of Tel Aviv — Jaffa*, Tel-Aviv, 1961, p. 31, fig. 7.
- 16 — J. Perrot, *Les Ossuaires de Ben Shemen*, *Eretz-Israel*, vol. VIII, *Israel Exploration Society*, Jerusalem, 1967, p. 48.
- 17 — A. Rolla, *La Biblia di fronte alle ultime scoperte*, Roma, 1958, p. 198; H. Vincent, *Revue Biblique*, 1928, p. 137-138.
- 18 — H. Vincent, *Canaan*, 174-176; *Rev. Bibl.* 1928, 138.
- 19 — W. F. Albright, *The Archaeology of Palestine*, London, 1956, 96-97, fig. 20.
- 20 — M. Ygael Yadin, *Grandeur et Décadence de Hatsor*, *Bible et Terre Sainte*, VI, 1957.
- 21 — Antoine Duprez, *La Piscine Probatique*, *Bible et Terre Sainte*, 86, 1966, fig. II.
- 22 — A. Rolla, *Obra cit.*, 199.
- 23 — A. Leroi-Gourhan, *Préhistoire de l'art occidental*, Ed. Luien Mazenod, Paris, 1965; *La religion des cavernes: magie ou métaphisique*, em *Sciences et Avenir*, 228, 1966.
- 24 — A. Clamer, *Genèse*, *La Sainte Bible*, Paris, 1953, 134-154.
- 25 — J. Perrot, *art. cit.*